ANÁLISE DE COMPORTAMENTO APLICADA AO AUTISMO

SUMÁRIO

1-	AUTISTAS DEVEM ESTUDAR EM ESCOLA REGULAR?	3
2-	QUAL É O PREPARO NECESSÁRIO PARA INCLUIR UM ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA?	13
3-	O EFEITO DO DIAGNÓSTICO SOBRE O OLHAR DA ESCOLA	17
4-	O QUE É O AUTISMO	21
5-	COMO IDENTIFICAR SEUS PRIMEIROS SINAIS	24
6-	OS PERSONAGENS ESPECIAIS DA TURMA DA MÔNICA	27
7-	O NOVO RETRATO DO AUTISMO	33
8-	AUTISMO, DESAFIOS E DIREITO	36
9-	DESENHO SOBRE AUTISMO INCENTIVA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA	43

REFERÊNCIAS

1- AUTISTAS DEVEM ESTUDAR EM ESCOLA REGULAR?

A maior dúvida na relação entre autismo e educação é a que envolve a inclusão dessa criança em um ambiente escolar regular. Trata-se de um questionamento comum entre os pais e até entre os educadores.

Diante das dificuldades desses alunos em acompanhar o ritmo de aprendizagem dos demais, e, também, de uma possível resistência à adaptação a rotina escolar, há quem defenda que os autistas precisam frequentar classes especiais.

Entretanto, os discursos mais aceitos são os de que tais crianças, por sua condição, dadas as dificuldades de interação social, não deveriam ser impedidas de ter a oportunidade de interagir.

Devido à complexidade das relações em um ambiente escolar, por apresentar sujeitos com diversos princípios, culturas e valores, a chance de um envolvimento próximo com colegas que lhe mostrem alguma afinidade é possível.

Além disso, podemos ainda citar algumas outras benesses da inclusão da criança autista no meio escolar, como:

1. Estimula diversas capacidades da criança

Autistas, em geral, apresentam uma sensibilidade sensorial afinada, e o que pode ser um problema em alguns casos, torna-se uma vantagem em outros.

Essa sensibilidade pode tornar as habilidades, como as de visualizar padrões, perceber sons e entender códigos, bem mais aguçadas em autistas.

Dessa forma, a escola tem a possibilidade de perceber e estimular essas habilidades, fazendo com que essa criança se sinta parte integrante das práticas escolares.

E, ainda nesse contexto, a capacidade de interagir por meio da fala pode ser ampliada ou mesmo propiciar à criança criar a sua própria maneira de se comunicar com outras.

2. Ajuda a socializar

A oportunidade de socialização inerente a um ambiente escolar deveria ser bem-vinda para as crianças com autismo, principalmente se começar bem cedo.

Essa criança pode ser incentivada a progressivamente participar de atividades diversas, ampliando, assim, as suas chances de lidar naturalmente com outras pessoas. Dessa forma, criando um ambiente favorável para o autismo e educação.

Com a rotina de interações, as barreiras de receio ao toque ou a introspecção podem ser amenizadas e permitir a essa criança uma vivência mais sociável.

3. Permite toda turma aprender a lidar com a diferença

Essa razão pode ser justificativa para a inclusão por si só. Somente o fato de proporcionar às crianças a aceitação e a capacidade de conviver com o diferente já torna essa prática positiva.

Isso se explica pela razão de que crianças tolerantes e amigáveis se tornarão cidadãos que farão questão de interagir respeitosamente com todos, facilitando a vida de autistas e de todas as outras pessoas.

Dessa forma, é importante que as crianças portadoras de necessidades especiais ajudem as outras a despirem os seus preconceitos e verem a diferença como oportunidade de soma.

Assim, o autismo e a educação se tornam um tema a ser mais explorado e visto com olhos atentos por toda a sociedade, afinal, é na interação diversa que as chances de aprendizagem são ampliadas.

O mais lógico a visualizar nessa reflexão é que todos os envolvidos nessas interações têm algo a ensinar, algo a aprender e muito a ganhar.

A busca da jornalista Janine Saponara por uma escola ao seu filho, André, 16, não foi das mais fáceis. Tudo esbarrava na questão da aceitação do garoto autista que, até os 11 anos de idade, estudou em uma escola privada tradicional de São Paulo. “Já vinha sendo notificada do seu comportamento diferente nas atividades e depois que tive certeza do diagnóstico de autismo, ouvi da instituição que eles não estavam prontos para incluí-lo”, relembra a mãe.

Em meio à procura, Janine esbarrou em outras negativas, mas insistiu para que o garoto fosse aceito em uma instituição de ensino regular. Foi o que aconteceu na Escola da Vila, que teve como estratégia de inclusão não contar aos professores sobre o autismo do estudante recém chegado. “De início, rejeitei a ideia, porque contar sobre o autismo me deixaria mais tranquila. Até que em uma reunião, me explicaram que quando você rotula, as pessoas não vão espontaneamente ajudar a romper as barreiras; ao passo que, quando não se sabe, há curiosidade para essa conquista”.

Legislação

O ingresso de uma criança autista em escola regular é um direito garantido por lei, como aponta o capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que trata sobre a Educação Especial. A redação diz que ela deve visar a efetiva integração do estudante à vida em sociedade. Além da LDB, a Constituição Federal, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, Estatuto da Criança e do Adolescente e o Plano Viver sem Limites (Decreto 7.612/11) também asseguram o acesso à escola regular.

O acesso, portanto, é apenas uma das etapas na visão do presidente da Associação Brasileira para Ação dos Direitos das Pessoas com Autismo (Abraça), Alexandre Mapurunga. “A inclusão começa com a chegada desse aluno à escola, mas é preciso também garantir sua permanência e aprendizagem”, avalia. O especialista reforça que as instituições não podem negar a matrícula desses alunos nem exigir qualquer tipo de laudo médico.

É preciso capacitar

Para Maria Teresa Mantoan, professora da Universidade de Campinas (Unicamp) especialista em inclusão, o cenário educacional brasileiro atual tem como mote principal o acesso, permanência e sucesso de toda criança na escola regular. A educadora afirma que a situação se concretiza como desafio, posto que a escola atual não é feita para todos.

“Até agora, os sistemas de ensino têm lidado com a questão por meio de medidas facilitadoras, como cuidadores, professoras de reforço e salas de aceleração, que não resolvem, muito menos atendem o desafio da inclusão. Pois qualificar uma escola para receber todas as crianças implica medidas de outra natureza, que visam reestruturar o ensino e suas práticas usuais e excludentes. Na inclusão, não é a criança que se adapta à escola, mas a escola que para recebê-la deve se transformar”, aponta.

Como muitas vezes as equipes gestoras não estão preparadas para desenvolver um plano pedagógico com as crianças autistas, é comum que elas sejam acompanhadas por um orientador terapêutico o que, na visão da coordenadora da ONG Autismo e Realidade, Joana Portolese, é um erro. “Não se deve promover a substituição. Quando se entende que um profissional desse é necessário na escola, o trabalho deve ser complementar, sem que isso diminua a responsabilidade do professor”, avalia. Para Joana, não há ganhos ao individualizar a criança autista porque nem se considera como ela se desenvolve diante de um grupo.

Por isso, mais do que a aprendizagem em si, é preciso se ater à qualidade de ensino oferecida. “É necessário um plano de ensino que respeite a capacidade de cada aluno e que proponha atividades diversificadas para todos e considere o conhecimento que cada aluno traz para a escola”, sugere Maria Teresa. A educadora aponta que é fundamental se afastar de modelos de avaliação escolar “que se baseiam em respostas pré-definidas ou que vinculam o saber às boas notas”, critica.

No caso do autista, o que está em jogo são as habilidades. “É nelas que se deve investir” para, assim, desenvolver as inabilidades, afirma Joana Portolese. Isso reafirma a necessidade de não se esperar um comportamento dado, ao que a maioria dos indivíduos do espectro autista não corresponde.

Quando a inclusão acontece

Exemplo disso é o estudante André, que pode demonstrar suas habilidades. Enquanto as crianças realizam anotações comuns, ele faz fluxogramas sobre o conteúdo escolar, o que vem sendo utilizado por seus colegas, que tiram fotocópia do material para estudar para provas.

Se no início, a escola havia resolvido não contar sobre o autismo do menino, na 6ª série o próprio estudante, em uma apresentação, socializou com os colegas que ele tinha a síndrome de Asperger (uma das variações do autismo) e suas características, aproximando-o dos demais estudantes. Segundo a professora Maria Teresa, “ter síndrome de Aspenger não define quem é o estudante como pessoa, já que o estudante é muito mais do que essa síndrome”, destaca.

O respeito foi construído em inúmeros outros episódios, como quando André decidiu realizar uma atividade debaixo da carteira escolar. Em vez de puni-lo, a educadora resolveu socializar para toda a turma o modo diferente como o aluno aprendia e, nesse dia, todos os alunos estudaram debaixo da mesa.

Para Janine, que vive a escola de perto com o filho, é preciso sempre explorar a variedade, interpretando o novo como positivo. Ela mesmo costumava propôr alternativas às escolas que não trabalhavam a inclusão. “Na outra escola, na hora do futebol, me diziam que o André se escondia debaixo do banco do vestiário. Até que eu mostrei aos professores que ele poderia ajudar na estratégia do jogo, em vez de jogar. Ele pegava uma caneta e pensava como o time iria fazer o gol”.

Incluir é possível

O educador Severino da Silva, mais conhecido como Billy, viveu rica experiência com uma aluna autista no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos

(Cieja), no bairro de Campo Limpo, zona sul de São Paulo. “O desafio foi ainda maior porque ela já estava na fase adulta e sabemos que a relação se estabelece mais facilmente na infância”, reconhece. Nem por isso o educador desistiu do processo de aprendizagem que se construiu em cinco anos.

Billy conta que o processo teve como base a aceitação, o respeito e também esclarecimentos sobre a condição de ser autista. “Não dá para se pensar em inclusão se a questão em pauta não for discutida de maneira natural em nossas vidas”, afirma.

Por essa razão, a educadora da Escola da Vila, Maria da Paz Castro acredita ser importante observar o aluno autista também fora do contexto escolar.”A criança autista deve ocupar e fazer uso dos espaços públicos, assim como todos os cidadãos”, afirma a educadora. Para ela, o processo de desenvolvimento desse indivíduo será alavancado todas as vezes que ele estiver em situações legítimas de convívio”, avalia.

Essas oportunidades e necessidades são subsídios para a escola trabalhar seu plano de escolaridade, já que a instituição, na visão da educadora, “ é, por excelência um espaço de relação, de construção de autonomia, de resolução de problemas e de aprendizagem”. Para Billy, o processo pedagógico deve promover a autonomia, “exatamente como fazemos com os alunos que não têm deficiência”, defende.

Para além da relação professor aluno, as estratégias inclusivas devem acionar a comunidade escolar e os familiares dos estudantes. “É importante garantir momentos para que todos discutam a questão e possam pensar de forma conjunta ações concretas para que a inclusão aconteça”, recomenda o educador.

Café Terapêutico

O Cieja Campo Limpo desenvolve o projeto Café Terapêutico que reúne pais, alunos e comunidade na discussão de uma sociedade inclusiva. Este ano, a iniciativa

completa seis anos e trará como tema: “A inclusão se faz com mãos. Nossas mãos. Mãos que fazem a diferença”.

Instituições especializadas x Escolas regulares

Os embates referentes à inclusão, no entanto, não impedem os especialistas de reconhecer uma melhora no cenário. “É a partir da presença dessas crianças na escola que esses sistemas educacionais vão se mobilizar para entender em que sentido precisam se aperfeiçoar”, reconhece Maria Teresa Mantoan. Os gargalos educacionais podem ser ponto de partida de debates que induzam políticas públicas.

Em 2010, por exemplo, a questão da inclusão de estudantes com deficiência na escola regular estava na agenda da Conferência Nacional de Educação (Conae-2010). Seu documento final trazia a escola como espaço fundamental na valorização da diversidade e garantia de cidadania. O objetivo era fazer com que o documento final da conferência servisse de base para a redação do Plano Nacional de Educação (PNE), mas, de acordo com a professora Maria Thereza, não foi bem isso que ocorreu.

Se na Conae a discussão tinha como foco a universalização da educação regular a todos os estudantes com deficiência, quando o PNE chegou na Câmara, a redação abriu espaço para que a educação dessas crianças seja oferecida em organizações especializadas. “Eles querem voltar para trás, querem neutralizar o desafio da inclusão fazendo voltar a escola especial, quando todo mundo sabe que a diferenciação pela deficiência é crime [de discriminação]. O salto qualitativo necessário para a inclusão é um ensino desafiador da capacidade de cada aluno e que reconhece a diferença de cada um”.

Mesmo considerando a importância das organizações especializadas, o presidente da Associação Brasileira para Ação por Direitos da Pessoa com Autismo (Abraça), Alexandre Mapurunga, acredita que elas não podem substituir a escola regular. “Não tem como substituir a diversidade e cultura escolar. Se ela tem dificuldade de socializar e desde cedo tiramos essa oportunidade de estar em um meio social,

vamos condenar essa pessoa a ter uma vida adulta mais dependente ainda", conclui.

Entenda como inserir a educação socioemocional em casa

Inserir a educação socioemocional em casa é uma ação indispensável para o desenvolvimento infantil, que traz vantagens para toda a família. Confira!

Tão necessário quanto a aprendizagem de conteúdos curriculares é o desenvolvimento de habilidades para lidar com as emoções. E **a família é parte fundamental** desse processo.

Embora certos conhecimentos, como os linguísticos e matemáticos, tenham sido, por muito tempo, considerados os mais importantes, hoje sabemos que altruísmo, resiliência, autoconfiança, empatia, entre outras características têm papel essencial na formação da criança. Veja como é possível trabalhar esse conjunto de habilidades emocionais em casa!

O que é e para que serve a educação socioemocional?

A educação socioemocional é o processo de ensino e aprendizagem das habilidades necessárias para **lidar com os próprios sentimentos** e os dos outros, assim como para compreender e atuar sobre as emoções. Esse processo educacional também enfoca os modos como a criança se relaciona com outras crianças e com adultos, entre os quais estão os membros da família e os professores.

O trabalho com a educação emocional tem o objetivo de ensinar a criança a entender o que está sentindo e reconhecer o sentimento dos outros. Essas compreensões permitem que ela **desenvolva sua autoestima**, a confiança em si mesma e em outras pessoas, respeito, paciência, adaptabilidade, autocontrole, consciência social e senso de responsabilidade.

É muito importante inserir a educação socioemocional no ambiente familiar. Essa prática incide sobre o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança, tornando-a, ao longo do tempo, **consciente de suas ações** em relação a si mesma e aos outros, assim como capaz de discernir o que é adequado de acordo com cada situação que vivencia.

Quais as melhores práticas e ações para implementar a educação socioemocional em casa?

Brincar e interagir com a criança

As atividades lúdicas possibilitam às crianças entenderem regras e formas de relações sociais por meio de processos de simbolização, conhecimentos que são **essenciais para o desenvolvimento do autocontrole** e da capacidade para gerenciar e resolver problemas.

A interação com pessoas próximas em diferentes situações compartilhadas (afazeres domésticos, brincadeiras, pequenas compras, refeições em família, passeios etc.) não apenas abre oportunidade para infinitos diálogos, como instaura uma relação de profunda confiança e **favorece o fortalecimento da empatia** e o desenvolvimento do altruísmo, além de serem oportunidades para que os membros da família conversem com a criança sobre os mais diferentes assuntos.

Elogiar a criança com frequência

O bom elogio funciona, ao mesmo tempo, como uma fonte de incentivo e possibilidade de autorreflexão para a criança, uma vez que tende a influenciar a forma como ela vê a si mesma e como **compreende as consequências** de suas atitudes.

Ao fazer elogios sinceros, os membros da família contribuem para que a criança fortaleça sua autoimagem, fator que incide de forma direta sobre sua autoconfiança e autoestima.

Investir em materiais educativos

Materiais educativos, como livros e jogos, são uma forma de **estimular as habilidades socioemocionais da criança** enquanto ela se diverte. Essas atividades permitem, por exemplo, que as crianças façam analogias entre as histórias que são contadas e as situações vivenciadas no seu cotidiano, de modo a espelharem-se nas ações positivas dos personagens. É claro que tudo isso precisa ser intermediado pela família.

Inserir a educação socioemocional em casa é uma ação **fundamental para o desenvolvimento infantil**, que só traz vantagens. Além de permitir à criança desenvolver uma série de habilidades, como autoconhecimento, autocontrole, autonomia, senso de responsabilidade, empatia e paciência, educar as emoções aproxima a família, tornando os seus laços mais fortes.

2- QUAL É O PREPARO NECESSÁRIO PARA INCLUIR UM ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA?

Apesar do consenso de que a participação das pessoas com deficiência é um direito inquestionável, muitos professores e gestores escolares ainda resistem, declarando-se despreparados para concretizá-la. Até mesmo educadores que se dizem favoráveis à inclusão de pessoas com deficiência admitem exceções, alegando não terem o “preparo necessário”.

Já em 1994, a Declaração de Salamanca Site externo enfatizava de forma quase redundante que “educação para todos efetivamente significa para todos”. Requisitos, restrições e exceções são inerentes à lógica da integração. Na inclusão, todos têm direito à educação. E “todos” significa todos. Simples assim. E não se trata só de acesso. A Convenção da ONU sobre os direitos das pessoas com deficiência Site externo, ratificada no Brasil com equivalência de emenda constitucional em 2008, garante participação efetiva, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades, para o pleno desenvolvimento do potencial do educando.

Mas tal garantia não indica que a escola saberá, de antemão, como fazer isso. Até porque isso nem seria possível. Durante muito tempo, acreditava-se que era possível generalizar pessoas e, assim, padronizar estratégias terapêuticas e pedagógicas a partir de um mesmo quadro diagnóstico. Atualmente, já sabemos, por experiência, que essa noção é no mínimo simplista. Ainda que apresentem pareceres diagnósticos absolutamente iguais, duas pessoas podem reagir às mesmas intervenções de maneiras (bem) diferentes. Ou seja, a ideia do preparo prévio nada mais é que um mito.

Não há “receitas prontas” Site externo nesse sentido. O ativo é a presença. Ou seja, a escola não tem mesmo como saber, antecipadamente, como proceder com uma criança ou adolescente com base em seu diagnóstico. E isso não se aplica somente a pessoas com alguma deficiência, já que a diferença é própria da condição humana

O mito do preparo

A ideia de que a escola precisa, antes, estar pronta, para depois receber os alunos com deficiência é baseada em uma expectativa ilusória de um saber pronto capaz de prescrever como trabalhar com cada criança. Vygotsky enfatiza que a condição humana não é dada pela natureza, mas construída ao longo de um processo histórico-cultural, pautado nas interações sociais realizadas entre o homem e o meio. Ou seja, o preparo do professor no contexto da educação inclusiva é o resultado da vivência e da interação cotidiana com cada um dos educandos, com e sem deficiência, a partir de uma prática pedagógica dinâmica que reconhece e valoriza as diferenças. Não há especialização capaz de antever o que somente no dia a dia poderá ser revelado.

Além disso, a insegurança expressa no argumento da falta de preparo revela, muitas vezes, a fragilidade da escola em lidar com a diferença. Por trás do discurso aparentemente "responsável" de que as escolas não estão prontas para receber determinados alunos por serem incapazes de suprir suas necessidades, de lidar com as suas dificuldades e de oferecer recursos ou pessoal adequados, está, muitas vezes, a noção de que alguns estudantes não são ou não estão aptos a frequentá-las devido a suas condições, o que remete à lógica da integração.

Como incluir um aluno que desafia a escola?

A educação inclusiva é um processo contínuo e dinâmico, que implica a participação de todos os envolvidos, inclusive do próprio educando. Por isso, é importante, antes de qualquer coisa, garantir sua presença na escola. Para que a equipe pedagógica possa conhecê-lo bem e assim buscar identificar meios de garantir sua inclusão efetiva.

Em uma das respostas à pergunta "Como fazer adaptações curriculares para alunos com deficiência intelectual?" Site externo, do fórum da Comunidade DIVERSA, a assessora em Educação Inclusiva Marília Costa Dias enfatiza a importância de isso acontecer de modo colaborativo. Todos os envolvidos, inclusive a família, precisam participar desse processo investigativo. Marília aponta também a importância de "oferecer apoios aos estudantes que precisam de algum tipo de ajuda para realizar

as propostas” a fim de garantir o “direito à igualdade de oportunidades”, reiterando que “é preciso conhecer muito bem os alunos para saber qual é o apoio que necessitam”. A propósito, a Convenção da ONU, já mencionada, garante medidas de apoio para pessoas com deficiência, no âmbito do sistema educacional geral, objetivando sua “inclusão plena”. A principal medida de apoio é o atendimento educacional especializado (AEE) Site externo.

Uma escola inclusiva é uma escola que inclui a todos , sem discriminação, e a cada um, com suas diferenças. Perseguindo a aprendizagem de forma ampla e colaborativa, oferecendo oportunidades iguais para todos e estratégias diferentes para cada um Site externo, de modo que todos possam desenvolver seu potencial.

Educação inclusiva

A educação inclusiva pode ser entendida como uma concepção de ensino contemporânea que tem como objetivo garantir o direito de todos à educação. Ela pressupõe a igualdade de oportunidades e a valorização das diferenças humanas, contemplando, assim, as diversidades étnicas, sociais, culturais, intelectuais, físicas, sensoriais e de gênero dos seres humanos. Implica a transformação da cultura, das práticas e das políticas vigentes na escola e nos sistemas de ensino, de modo a garantir o acesso, a participação e a aprendizagem de todos, sem exceção.

Os princípios da educação inclusiva

Como saber se uma prática pedagógica é, de fato, inclusiva? Ou se uma escola que se diz inclusiva realmente garante o direito de todos à educação?

Além de uma importante ferramenta na análise do discurso e das práticas, os princípios Site externo também representam uma referência fundamental para quem está começando. Além disso, revisitá-los com frequência também pode ajudar educadores experientes e comprometidos com a inclusão a não “perderem o rumo”. Os cinco princípios da educação inclusiva são:

1. **Toda pessoa tem o direito de acesso à educação**

2. **Toda pessoa aprende**

3. **O processo de aprendizagem de cada pessoa é singular**

4. **O convívio no ambiente escolar comum beneficia todos**

5. **A educação inclusiva diz respeito a todos**

Apesar do foco nas pessoas com deficiência, tendo em vista o histórico de privação da participação desse público nas redes de ensino, o DIVERSA adota um conceito amplo de diversidade humana para pensar a educação inclusiva, cujo público-alvo são todas as crianças. Todas, sem exceção. Assim, o quinto princípio norteia os demais e orienta as relações humanas para a construção de uma sociedade mais justa e participativa.

A educação inclusiva demanda e envolve a ação direta de diferentes atores e esferas sociais que se relacionam de modo interdependente, numa perspectiva de rede.

3- O EFEITO DO DIAGNÓSTICO SOBRE O OLHAR DA ESCOLA

Afinal quem são as crianças e adolescentes que dissemos ter o diagnóstico de transtorno global do desenvolvimento (TGD), atualmente chamado de transtorno do espectro autista (TEA) Site externo?

Esses termos estão relacionados a diagnósticos médicos e constam na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a Saúde (CID) Site externo e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Buscando recuperar brevemente a história por trás dessas classificações, podemos dizer que suas funções eram, primeiro, identificar e listar as causas de morte e, depois, possibilitar que diferentes médicos, em todo o mundo, diagnosticassem as doenças da mesma maneira.

As versões mais atuais desses manuais nomeiam como transtorno do espectro autista o que pela primeira vez o psiquiatra Leo Kanner chamou, nos anos 1940, de "autismo infantil precoce", referindo-se a um conjunto de características que compunham um quadro que não constava nas classificações psiquiátricas conhecidas da época. Eram crianças que, segundo suas observações, eram incapazes de estabelecer relações e possuíam excelente capacidade de memorização decorada e cognitiva. Aquelas que adquiriam linguagem não a usavam para se comunicar, mas para produzir repetições de fala. Kanner considerava que essas crianças apresentavam um fechamento para a relação com os outros.

Ao longo dos anos, o autismo infantil precoce sofreu mudanças no modo como foi classificado. Primeiro, foi designado como transtorno global do desenvolvimento e atualmente é chamado de TEA. Tal mudança ampliou significativamente o quadro, fundindo em um mesmo diagnóstico os transtornos autista, desintegrativo da infância, generalizado do desenvolvimento não-especificado (PDD-NOS) e a Síndrome de Asperger Site externo.

O olhar da psicanálise

Assim como a medicina, a psicanálise também se debruçou sobre o autismo. No entanto, por mais que a nomenclatura usada pelas duas áreas já tenha sido a mesma, é importante destacar que sendo dois campos distintos que não se confundem, os critérios de diagnóstico e intervenções são diferentes. É conhecido que a psicanálise traz uma crítica às concepções que norteiam os manuais previamente mencionados.

O que está em foco para psicanálise não é destacar o fenômeno, mas situar a posição do sujeito. O diagnóstico deve ser colocado como uma possibilidade que pode vir a se estabelecer e não como um quadro estabelecido e fechado. No caso, os diagnósticos infantis são estados provisórios que ainda vão se decidir. Por isso a escolha em dizer que são crianças com entraves em sua constituição psíquica. As descrições de sintomas fazem uma tentativa de homogeneização que não cabe ao olhar psicanalítico, pois não levam em conta os sujeitos em suas singularidades.

Encontramos na teoria psicanalítica a concepção de que a constituição do sujeito se dá a partir da experiência com o outro. No início da vida do bebê é necessário que a mãe – ou o adulto que exerce a maternagem – considere a criança de modo a supor um sujeito em um corpo biológico. Para a psicanalista Marie Christine Laznik, com essa função, a mãe é impelida pelo desejo e antecipa em seu bebê uma existência subjetiva que ainda não está lá, “mas que virá a instalar-se justamente porque foi suposta”. Ou seja, faz uma aposta imaginária.

Podemos afirmar que para psicanálise o autismo é uma forma grave de transtorno da relação com o mundo. Encontramos crianças no seu processo de constituição psíquica em andamento ou já em dificuldades. Algo se deu na interação entre esse bebê e seu meio ambiente, o que gerou uma dificuldade em compartilhar.

Para psicanálise é nos primeiros anos de vida que encontramos um momento privilegiado de descobertas. Na infância, o psiquismo e as funções mentais se encontram em formação e, por isso, podemos operar transformações que permitem uma reorganização. Ao mesmo tempo, é nessa fase que se determina o funcionamento do psiquismo adulto. Só na infância podemos supor uma chance de modificação. Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental.

Ir além do diagnóstico

A partir da experiência clínica e das pesquisas já realizadas, sabemos que a entrada na escola pode promover efeitos, inclusive terapêuticos, para crianças que apresentam entraves na constituição psíquica. A inclusão no contexto escolar Site externo oferece um lugar social para elas. Na escola, elas deixam de ser doentes, autistas, para ocupar o lugar de crianças. E lugar de crianças que aprendem. A escola é, portanto, um espaço importante para a formação desse sujeito, já que pode auxiliar em uma reorganização do psiquismo, na medida em que lhe atribui um lugar social, um lugar de sujeito.

Nesse sentido, faz-se uma aposta nas possibilidades de aprendizagens de cada um. Essa reflexão está apoiada no campo da Educação Terapêutica, que tem como um de seus eixos a inclusão escolar, entendendo a escola “como lugar subjetivante das crianças que por algum motivo encontraram um obstáculo no processo de subjetivação”. A escola oferece novas possibilidades de encontros e sentidos, o que pode provocar um novo posicionamento da criança que está se constituindo. Um lugar poderoso, na medida em que todas crianças com dificuldades ou não são solicitadas pelo outro a colocar em atividade sua subjetividade.

Parece ser uma tarefa oportuna avançar no terreno do trabalho coletivo nas escolas, partindo da demanda construída diante de alunos que em seus processos de escolarização colocam em xeque nossos saberes e problematizam o aprendizado e a convivência. A proposta é que possamos ir além de classificações e diagnósticos. Sem o peso do “especialismo”, que historicamente foi convocado quando a sociedade pensava em uma educação especializada para determinado público. Naquele contexto, demandávamos diagnósticos e especialistas que pudessem nos orientar pedagogicamente. No atual contexto, isso já não cabe mais. O trabalho pedagógico não pode ser norteado por diagnósticos, mas por perguntas que nos fazem repensar a escola, sua organização e projetos.

Alguns pontos são necessários serem discutidos no campo educativo, como o modo que organizamos o currículo, os tempos, a escolha de materiais, entre outros. Em tais discussões precisamos levar em consideração os diferentes ritmos e modos de

aprender, colaborando com o desenvolvimento de práticas inclusivas que ampliem o repertório de ações no cotidiano educativo.

A psicanálise pode contribuir para educação oferecendo às crianças e adultos um espaço de escuta. Pode abrir possibilidade de escuta para a fala dos educadores sobre os diversos impasses envolvidos na escolarização de crianças com entraves em sua constituição psíquica. Não se trata de pensar a psicanálise como um saber que diz o que deve ser feito, mas como um auxílio para escutar sobre o que já está sendo feito.

4- O QUE É O AUTISMO

O **autismo** é um problema psiquiátrico que costuma ser identificado na infância, entre 1 ano e meio e 3 anos, embora os sinais iniciais às vezes apareçam já nos primeiros meses de vida. O distúrbio afeta a comunicação e capacidade de aprendizado e adaptação da criança.
Que fique claro: os autistas apresentam o desenvolvimento físico normal. Mas eles têm grande dificuldade para firmar relações sociais ou afetivas e dão mostras de viver em um mundo isolado.

Anteriormente o problema era dividido em cinco categorias, entre elas a síndrome de Asperger. Hoje, ele uma única classificação, com diferentes graus de funcionalidade e sob o nome técnico de transtorno do espectro do autismo. **O jeito de lidar com cada um varia**.
Na forma qualificada como de baixa funcionalidade, a criança praticamente não interage, vive repetindo movimentos e apresenta atraso mental. O quadro provavelmente vai exigir tratamento pela vida toda.

Na média funcionalidade, o paciente tem dificuldade de se comunicar e repete comportamentos. Já na alta funcionalidade, esses mesmos prejuízos são mais leves, e os portadores conseguem estudar, trabalhar e constituir uma família com menos empecilhos.
Há ainda uma categoria denominada *savant*. Ela é marcada por déficits psicológicos, só que com uma memória fora do comum, além de talentos específicos.
O autismo não possui causas totalmente conhecidas, porém há evidências de que haja predisposição genética para ele. Outros reportam o suposto papel de infecções durante a gravidez e mesmo fatores ambientais, como poluição, no desenvolvimento do distúrbio.

Sinais e sintomas

– Bebês que evitam o contato visual com a mãe, inclusive durante a amamentação
– Choro ininterrupto

– Apatia

– Inquietação exacerbada

– Pouca vontade para falar

– Surdez aparente: a criança não atende aos chamados

– Transtorno de linguagem, com repetição de palavras que ouve

– Movimentos pendulares e repetitivos de tronco, mãos e cabeça

– Ansiedade
– Agressividade

– Resistência a mudanças na rotina: recusa provar alimentos ou aceitar um novo brinquedo, por exemplo

Fatores de risco

– Sexo masculino: o autismo é de duas a quatro vezes mais frequente em meninos do que em meninas

– Predisposição genética

– Poluição

– Infecções como rubéola durante a gravidez

A prevenção

Na falta de causas comprovadamente capazes de provocar o autismo, a recomendação para as grávidas é evitar ambientes com alto nível de poluição, exposição a produtos tóxicos e ingestão de bebida alcoólica, por exemplo. Outra medida bem-vinda é se vacinar contra rubéola para evitar essa doença infecciosa durante a gestação.

O diagnóstico

Não existem exames laboratoriais ou de imagem que ajudem a identificar o autismo. Em geral, o médico considera o histórico do paciente, a observação de seu comportamento e os relatos dos pais.

A partir daí, ele costuma seguir critérios estabelecidos pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais ou pela Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde. São observados ainda traços como inabilidade para interagir socialmente e comportamento restritivo e repetitivo.
Se por um lado há autistas gravemente incapacitados, que não conseguem nem falar, por outro se encontra o problema em pessoas com alto desempenho em alguma habilidade, como pintar ou fazer contas matemáticas. Pacientes de alta funcionalidade, com ausência dos sinais clássicos da doença, muitas vezes acabam recebendo o diagnóstico correto apenas quando adultos.

O tratamento

Não há cura para o autismo. Remédios para lidar com ele só são prescritos na presença de agressividade e de outras doenças paralelas, como depressão.

O tratamento deve ser multidisciplinar, englobando médicos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e pedagogos. Em resumo, tudo isso visa incentivar o indivíduo a realizar, sozinho, tarefas como se vestir, escovar os dentes e comer.

Isso, claro, sempre de acordo com o grau de dificuldade de cada criança. Quando as intervenções são feitas precocemente, há boa chance de melhora nos sinais do autismo.

5- COMO IDENTIFICAR SEUS PRIMEIROS SINAIS

Receber o diagnóstico de **autismo** de um filho é como embarcar rumo a um universo desconhecido. É preciso encontrar a maneira de aterrissar nesse pequeno mundo em que a criança parece estar isolada. O transtorno, uma espécie de pane do desenvolvimento neurológico, costuma ser identificado pelos médicos entre 1 ano e meio e 3 anos, mas especialistas apostam que os próprios pais são capazes de detectar os primeiros sinais a partir dos 8 meses e, assim, buscar ajuda especializada quanto antes.

Pesquisadores da Universidade de Miami, nos Estados Unidos, descobriram que a chave para esse flagra precoce está na **comunicação não verbal**. A equipe do professor de psicologia Daniel Messinger observou o modo como o bebê olha para objetos, o jeito como ele pede o que deseja e como reage quando lhe apontam para alguma direção. Pequenos com falhas gestuais nos primeiros meses de vida apresentaram sinais mais evidentes de autismo após os 2 anos e meio de idade.

Observe em casa

"O olhar é extremamente importante para demonstrar o vínculo materno. Enquanto é amamentado, o autista pode não fitar a figura da mãe e ter um olhar perdido", explica o médico Estevão Vadasz, coordenador do Programa de Transtornos do Espectro Autista do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Leia mais: Criança que não consegue falar direito merece atenção

Outro comportamento que pode acender a luz amarela é ele aceitar o colo de qualquer pessoa. "Com 8 meses, a criança costuma estranhar quem não é do seu convívio e até chorar, mostrando que está insatisfeita. Já um autista sente-se igualmente confortável com qualquer um", lembra o psiquiatra.

O choro quase ininterrupto, uma inquietação constante ou, ao contrário, uma apatia exacerbada também merecem atenção. "Muitas vezes os médicos não observam a relação entre o bebê e as pessoas, porque focam o aspecto orgânico", aponta Cristina Keiko Inafuku de Merletti, psicóloga da ONG Lugar de Vida, especializada

no acompanhamento de autistas. Ela alerta que, quando o autismo é leve, exames eletroencefalográficos, genéticos e de neuroimagem às vezes não acusam alterações significativas. Daí, mais do que nunca, conta a percepção dos pais no dia a dia.

Vale notar até mesmo se o pequeno se incomoda com o toque, com alguns sons e com certas texturas de alimentos, o que chega a dificultar demais a transição do leite para as comidas sólidas, já que o autista tem os sentidos afetados.

Em casa, nota-se a ausência de fala, uma aparente surdez e os movimentos pendulares estereotipados de tronco, mãos e cabeça. Já os especialistas analisam transtornos de linguagem, de socialização, comportamentos restritos e repetitivos. O espectro autista é diferenciado pelos graus de comprometimento dessas características.

O tratamento

As avaliações são individuais, mas as terapias costumam ser feitas em grupos para estimular a socialização. Englobam o acompanhamento comportamental, o pedagógico e o aprimoramento da comunicação. “E, quanto mais cedo as intervenções forem iniciadas, maiores são os progressos, principalmente nas relações afetivas, nas atividades diárias e motoras”, ressalta Daniel Messinger, líder do estudo americano.

Carolina Ramos Ferreira, coordenadora pedagógica da Associação de Amigos do Autista (AMA), reforça que é importante dar continuidade em casa ao trabalho realizado pelos especialistas. “É preciso incentivar, ensinar a se vestir, a escovar os dentes e a comer sozinho. O excesso de proteção pode fazer com que os pais bloqueiem ainda mais a autonomia dessas crianças e jovens”, alerta.

Família preparada

Portanto, o grande desafio é orientar a família. Cristina Keiko, da ONG Lugar de Vida, acha que a mãe e o pai costumam receber a notícia de forma inadequada,

quase técnica, e transformam-se em pesquisadores, deixando de perceber as nuances do desenvolvimento infantil. Aliás, muitas entidades oferecem cursos para o aprimoramento dos pais, mas esses espaços especializados são escassos para dar conta da demanda.

Com um bom acompanhamento, o autista pode ficar com menos limitações e até frequentar a escola regular com alguém servindo de apoio. Tudo vai depender do grau da deficiência. Por isso, a observação é fundamental para captar detalhes valiosos que ajudam a entrar nesse mundo tão especial.

Fugir de casa é mais um sintoma

Quase metade dos autistas americanos com menos de 4 anos já deu algumas escapadas. É o que revela um estudo do Instituto Kennedy Krieger, com 1,2 mil famílias. Na maioria das vezes, o que motiva essas crianças é chegar a algum lugar específico. Os números são alarmantes, já que elevam o risco de acidentes. Pelo menos 65% dos fujões foram atropelados ou quase atropelados. Outros 24% sobreviveram a afogamentos.

Os tipos

Autismo clássico
É uma pane neurofisiológica, que cria obstáculos para o processamento cerebral. A sociabilidade é sempre comprometida. Nos casos mais graves, a fala chega a ser afetada. Nos moderados, há uma interação com o mundo, porém mais passiva.

Asperger Menos grave, tem características semelhantes às do autismo, como o interesse restrito por objetos e problemas de socialização. Atinge sete meninos para cada menina. Mas, no caso, inteligência e memória fora do comum roubam a cena.

6- OS PERSONAGENS ESPECIAIS DA TURMA DA MÔNICA

André, o personagem com autismo de Turma da Mônica. (Divulgação/ Maurício de Sousa Produções/SAÚDE é Vital)

O que teria levado Cascão e Cebolinha a saírem do fictício bairro do Limoeiro, onde moram, e viajar cerca de 500 quilômetros até o Rio de Janeiro? Seria mais um dos planos infalíveis para tentar derrotar a Mônica? Nada disso! A resposta está na história que Maurício de Sousa lançou no início do mês em homenagem ao Dia Mundial do Autismo.

A tirinha é inédita, mas o personagem, André, não. Portador de **transtorno do espectro autista (TEA)**, ele foi criado em 2002, a convite da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, com o objetivo de mostrar alguns dos sinais do autismo infantil e conscientizar pais e educadores da importância do diagnóstico precoce.

Sua primeira aparição foi no gibi promocional *Um Amiguinho Diferente*, que teve tiragem de 60 mil exemplares. Na historinha, Magali se apresenta a André, que não

responde ao cumprimento dela. Intrigada, ela pergunta a Lucila, a mais nova moradora do Limoeiro, se seu irmão caçula é mal-educado. Meio sem graça, Lucila explica que não: ele é autista! E completa: “Autistas são crianças especiais”.

Além dos quadrinhos, André participa de seis animações curtas que podem ser vistas nos canais oficiais da Mauricio de Sousa Produções. “Crianças autistas podem fazer certas coisas melhor do que crianças da mesma idade”, explica a Mônica em um dos episódios.

O garoto não é o primeiro personagem com necessidades especiais da Turma da Mônica. Há outros como Tati (Down), Luca (cadeirante) e Dorinha (deficiente visual). O pioneiro foi Humberto, criado na década de 1960. Deficiente auditivo, ele não fala e se comunica com seus amigos através de “hum hum”. Daí, aliás, veio a inspiração para o nome dele.

Na conversa abaixo, Maurício de Sousa, de 83 anos, fala do processo de criação do André, conta detalhes sobre Edu, o mais novo amiguinho da turma com necessidades especiais, e responde se algum dentista ou fonoaudiólogo já reclamou do fato de a Mônica não ter colocado aparelho nos dentes ou de o Cebolinha não ter tratado seu probleminha de fala.

Maurício de Sousa: Nasceu de um estudo que fizemos para uma campanha da Associação de Amigos do Autista (AMA), em São Paulo, e, também, de um convite da Universidade Harvard. Em 2002, lançamos uma revistinha muito gostosa, *Um Amiguinho Diferente*, que serve até hoje para muita gente entender um pouco melhor o autismo e suas diferentes manifestações.

Que cuidados procura tomar antes de criar um personagem com necessidades especiais? No caso do André, chegou a consultar médicos?
Tomamos todo o cuidado do mundo quando resolvemos abordar temas mais complexos. Ouvimos sempre profissionais de comprovada credibilidade para não passar informação errada para os nossos leitores.

Quando criamos o André, por exemplo, pesquisamos muito sobre o transtorno do espectro autista (TEA), ouvimos vários especialistas e conhecemos crianças autistas. O TEA não é fácil de ser identificado e, por essa razão, o tratamento pode ser tardio. Então, é preciso passar para os pais, professores e pessoas próximas a essas crianças a informação correta para ajudá-las a desenvolver todo o seu potencial.

Dorinha foi inspirada em Dorina Nowill, a Tati na Tathi Heiderich e o Luca no Herbert Vianna, certo? O senhor se inspirou em alguém de carne e osso para criar o André?

Para criar o Luca, conversei com atletas paraolímpicos. Descobri que são alegres, espertos, inteligentes e bem resolvidos. Com a moral lá em cima. Foi fácil transpor esse clima para o personagem.

Quando pensei em criar uma menina cega, busquei como referência a figura da educadora Dorina Nowill, da Fundação de mesmo nome. Dorina era inteligente, elegante, uma líder nata que não tinha preconceito com quem enxergava e demonstrava preocupação com a causa dos cegos. Tirei tudo daí.

Diferentemente dos outros personagens, o André foi criado através das primeiras informações que recebemos de especialistas da AMA e de Harvard.

Qual seu objetivo ao criar personagens com algum tipo de deficiência ou limitação? É ensinar às crianças que, apesar das diferenças, somos todos iguais?

Os personagens da Turma da Mônica vivem e agem como crianças normais. Como nossos filhos, netos e conhecidos. E todos nós temos amigos com algum tipo de deficiência. Não poderia deixar de apresentar no universo dos nossos personagens amiguinhos que também tivessem necessidades especiais. A ideia é mostrar que podemos aprender as regras da inclusão e vivermos todos em harmonia.

Em geral, como adultos e crianças reagem quando o senhor cria um novo personagem com deficiência? Já houve quem agradecesse pela iniciativa ou contasse alguma história de inclusão?

O retorno é sempre grande e positivo porque falta informação para quem vive e convive com essas crianças. No caso do André, temos relatos de pais que nos enviaram mensagens contando que seus filhos se espelham nos personagens da turma para se comunicar melhor com os amiguinhos autistas.

Você chegou a criar dois personagens soropositivos, Igor e Vitória, para a ONG Amigos da Vida, de Brasília. Por onde eles andam? Será que, algum dia, voltarão ao Limoeiro?

A ONG Amigos da Vida, de Brasília, pretendia desenvolver uma campanha para crianças e jovens. Foi quando eles nos procuraram e, prontamente, aceitamos participar do projeto. A primeira tiragem da revistinha, de 30 mil exemplares, foi para o projeto apenas em Brasília. Nessa primeira etapa, a distribuição foi realizada no setor de pediatria dos seis hospitais de referência no tratamento da aids no Distrito Federal.

Há planos para, futuramente, produzirmos animações e teatro de bonecos para o lançamento das revistinhas em pelo menos seis capitais: Rio, São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Recife e Belo Horizonte.

O André não é o primeiro personagem da Turma da Mônica com necessidade especial. E, provavelmente, não será o último. Já tem em mente qual será o próximo?

Acabamos de criar um novo personagem chamado Edu para uma campanha de conscientização sobre uma doença rara chamada distrofia de Duchenne. É uma doença genética caracterizada pela deterioração muscular progressiva.
Estamos sempre abertos à possibilidade de criar novos personagens. Na maioria das vezes, são ONGs e associações que nos procuram com esse objetivo. Não há

assunto que, por mais complexo que seja, não dê para passar à linguagem dos quadrinhos, de fácil entendimento para crianças e seus pais.

Mesmo depois de tanto tempo, o Cebolinha ainda não corrigiu sua dislalia, aquele problema ao falar o "r" das palavras, e a Mônica não colocou aparelho nos dentes. Já houve profissional de saúde que reclamasse com o senhor sobre isso?

Por enquanto, não! (risos) O que acontece muito são os leitores mandarem e-mails perguntando por que a Mônica e o Cebolinha têm essas características.

Um bicho para os autistas

Está comprovado que um pet, seja ele qual for, favorece o desenvolvimento social desses pequenos

Animais de estimação podem ser boas companhias para crianças autistas. (iStock/iStock)

Apresentar-se para pessoas desconhecidas, pedir informações ou responder a perguntas. Esse tipo de interação é difícil para as crianças com autismo. A não ser que elas convivam com um animal de estimação.

É isso o que aponta uma pesquisa da Universidade do Missouri, nos Estados Unidos. Para encontrar essa relação, os estudiosos analisaram 70 famílias com autistas de 8 a 18 anos. Segundo Gretchen Carlisle, principal autora da investigação, apesar de cachorros e gatos serem os animais mais comuns nesses lares, qualquer bichinho trazia benefícios para o dia a dia da garotada. Qualquer um mesmo. Para ter ideia, no estudo havia peixes, coelhos, répteis, um pássaro e até uma aranha.

Os pais relataram que seus filhos aprenderam lições de companheirismo e responsabilidade com os bichos", conta Gretchen. E qual o animal mais indicado? A escolha depende da família e das necessidades de cada criança. "Os problemas sensoriais dos autistas são ímpares. Se ruído causar incômodo, um cachorro que late muito não é uma boa opção", exemplifica Gretchen. Nesses casos, vale um animalzinho — não precisa ser um cão — mais silencioso.

7- O NOVO RETRATO DO AUTISMO

Em livro, bióloga autista reabre o debate sobre o distúrbio, que abrange pessoas com deficiência intelectual severa até outras com traços de genialidade

Da hora em que acorda ao momento em que vai dormir, Temple Grandin não para quieta. Ph.D. em zootecnia, ela dá aula na Universidade Estadual do Colorado, nos Estados Unidos, visita fazendas, presta consultoria ao governo, faz palestras e escreve livros — o mais famoso, a autobiografia Uma Menina Estranha, que já virou filme. Quase não sobra tempo para essa mulher de 68 anos, que revolucionou a forma de tratar animais de abate a fim de diminuir o sofrimento deles, lembrar que é autista. “O **autismo** é parte do que sou, mas não deixo que ele me defina”, afirma Temple em sua nova obra, O Cérebro Autista — Pensando Através do Espectro (Ed. Record).

A cientista faz parte dos 70 milhões de pessoas que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), vivem com essa condição. Ou melhor, fazem parte do transtorno do espectro autista (TEA). Desde 2013, quando foi lançado o último Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM-5, a classificação do autismo mudou. Antes ele era dividido em cinco categorias, como síndrome de Asperger e outras de nome cabeludo. Hoje, é uma coisa só, com diferentes graus de funcionalidade. “O espectro agrupa desde um quadro mais leve, ou alta funcionalidade, com inteligência acima da média, a casos em que há retardo mental, a baixa funcionalidade”, disseca Marisa Furia Silva, presidente da Associação Brasileira de Autismo (ABRA).

Os critérios de diagnóstico também mudaram. A dificuldade de domínio da linguagem saiu de cena e, atualmente, os traços de distinção incluem inabilidade para interagir socialmente e comportamento restritivo e repetitivo. As alterações propostas pela DSM-5, contudo, não agradam Temple. Segundo ela, os parâmetros atuais são “vagos” e “confusos”. “Em uma ponta temos autistas gravemente

incapacitados, que não conseguem nem falar. Na outra, um Albert Einstein ou um Steve Jobs. Já imaginou colocar todos na mesma sala de aula?", provoca.

No Brasil, a situação dessas pessoas pode ser considerada alarmante. Quem assegura é o psiquiatra Estevão Vadasz, coordenador do Projeto Autismo do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo. "Há cerca de 2 milhões de autistas no país. Desses, 95% estão completamente desassistidos, nem diagnóstico têm", acusa. Para piorar, a lei que garante a eles os mesmos direitos de outros indivíduos com alguma deficiência ainda não saiu do papel. Tem mais: nem todo profissional está apto a diagnosticar o transtorno, tampouco lidar com ele.

Como um manual médico divide o autismo

O critério atual se baseia na funcionalidade — a capacidade de realizar atividades simples e desenvolver o intelecto

- **Baixa funcionalidade:** mal interagem. Em geral, vivem repetindo movimentos e apresentam retardo mental, o que exige tratamento pela vida toda.
- **Média funcionalidade:** são os autistas clássicos. Têm dificuldade de se comunicar, não olham nos olhos dos outros e repetem comportamentos.
- **Alta funcionalidade:** também chamados de aspies, têm os mesmos prejuízos, mas em grau leve. Conseguem estudar, trabalhar, formar família.
- **Síndrome de savant:** cerca de 10% pertencem a essa categoria, marcada por déficits psicológicos, só que detentores de uma memória extraordinária.

E como uma autista divide os autistas

A americana Temple Grandin prefere defini-los por afinidades e padrões de pensamento. São três tipos:

- **O primeiro grupo** pensa por imagens e curte atividades manuais. Eles têm habilidade para desenhar, pintar, cozinhar, costurar… E podem seguir carreiras como ilustrador, fotógrafo, designer.
- **O segundo grupo** de autistas pensa por palavras e fatos. Essa turma decora trechos de livros e diálogos de filmes com muita facilidade. E pode se dar bem fazendo curso de letras, história, jornalismo…

- **Um terceiro tipo** de autista é o que pensa por padrões e se dá bem em música ou matemática. Na infância, adora brincar com peças de Lego. No futuro, rende um bom engenheiro, físico, programador de computador, músico…

8- AUTISMO, DESAFIOS E DIREITO

Autismo é um transtorno de desenvolvimento grave, que prejudica a capacidade de um indivíduo se comunicar e interagir com outras pessoas.

O autismo faz parte de um espectro de condições que limitam habilidades, interações sociais, comportamentos, a fala e comunicação não-verbal. Trata-se de uma condição geral para um grupo de desordens no desenvolvimento cerebral.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) agrupou o autismo, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno generalizado do desenvolvimento não-especificado (PDD-NOS) e a síndrome de asperger, como quadros integrantes de um único diagnóstico chamado Transtorno do Espectro Autista (TEA). O espectro agrupa desde um quadro mais leve (alta funcionalidade), com inteligência acima da média, a casos em que há **deficiência intelectual** (baixa funcionalidade).

Alguns estudiosos contestam o novo agrupamento feito pelo DSM-V. Alguns afirmam que os parâmetros atuais são vagos e por vezes, confusos. Em um mesmo grupo temos autistas gravemente incapacitados, que não conseguem nem falar. E também temos Albert Einstein e Bill Gates.

Autismo: desafios e diferenciais

Indivíduos com autismo enfrentam problemas no desenvolvimento da linguagem, nos processos de comunicação, na interação e comportamento social. No entanto, quando falamos de um “espectro”, falamos de uma ampla variação. Cada pessoa que recebe um diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista é única. Importante ressaltar que o autismo se manifesta de várias maneiras e nunca é exatamente igual de uma pessoa para outra.

Muitas pessoas com autismo não falam, mas compreendem a linguagem plenamente. Apenas são incapazes de comunicar em palavras seus sentimentos em relação ao que estão ouvindo.

Autistas podem ter dificuldade em interpretar sinais não verbais transmitidos por outras pessoas, em bater papo ou em compreender a linguagem corporal. Por outro lado, pessoas com autismo muitas vezes superam os outros em tarefas auditivas e visuais, e também são melhores em testes de inteligência não verbais. Pessoas com autismo têm, frequentemente, memórias excepcionais, e podem se lembrar de informações que leram semanas atrás.

Os indivíduos com autismo podem possuir a habilidade de concentrar-se fortemente sobre uma só coisa. Isso lhes permite aprofundar-se muito naquilo que desperta seu interesse. Alguns indivíduos se tornam pianistas ou cantores incríveis, graças ao fato de possuírem uma capacidade espantosa de decorar canções e notas musicais.

O Autismo em números

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo são autistas. De acordo com o Hospital Israelita Albert Einstein, 150 mil novos casos de autismo são diagnosticados por ano no Brasil. Estima-se que o Brasil tenha hoje cerca de 2 milhões de autistas. Aproximadamente 407 mil pessoas somente no estado de São Paulo.

Como identificar o grau de autismo?

O transtorno de autismo afeta o sistema nervoso. O alcance e a gravidade dos sintomas podem variar amplamente. Os sintomas mais comuns incluem dificuldade de comunicação, dificuldade com interações sociais, interesses obsessivos e comportamentos repetitivos. O critério de diagnóstico se baseia na funcionalidade, ou seja, na capacidade de um indivíduo realizar atividades simples.

- **Baixa funcionalidade**: mal interagem. Em geral, vivem repetindo movimentos e apresentam retardo mental, o que exige tratamento pela vida toda.

- **Média funcionalidade:** são os autistas clássicos. Têm dificuldade de se comunicar, não olham nos olhos dos outros e repetem comportamentos.
- **Alta funcionalidade:** também chamados de aspies, têm os mesmos prejuízos, mas em grau leve. Conseguem estudar, trabalhar, formar família.
- **Síndrome de savant:** cerca de 10% pertencem a essa categoria marcada por déficits psicológicos. Porém, são detentores de uma memória extraordinária.

O autismo pela visão de uma autista

Temple Grandin, bióloga, Ph.D. em zootecnia, professora na Universidade Estadual do Colorado (EUA), não falava até os três anos e meio de idade. Ela foi diagnosticada com autismo na infância e, no TED abaixo, fala sobre como sua mente funciona.

Nesse vídeo incrível, ela compartilha sobre sua habilidade de pensar por imagens. Ela explica como essa habilidade a ajuda a resolver problemas que cérebros neurotípicos não conseguiriam. Ela traz à tona que o mundo precisa de pessoas com o espectro autista: pensadores visuais, pensadores em padrões, pensadores verbais e todos os tipos de crianças inteligentes.

Em matéria publicada pela Revista Saúde, em outubro de 2017, Temple Grandin prefere define os autistas por afinidades e padrões de pensamento. Segundo ela, pessoas com autismo podem ser divididas em três grupo:

- O primeiro grupo pensa por imagens e curte atividades manuais. Eles têm habilidade para desenhar, pintar, cozinhar, costurar… E podem seguir carreiras como ilustrador, fotógrafo, designer.
- O segundo grupo de autistas pensa por palavras e fatos. Essa turma decora trechos de livros e diálogos de filmes com muita facilidade. E pode se dar bem fazendo curso de letras, história, jornalismo…
- Um terceiro tipo de autista é o que pensa por padrões e se dá bem em música ou matemática. Na infância, adora brincar com peças de Lego. No futuro, rende um bom engenheiro, físico, programador de computador, músico…

Temple Grandin é autora dos livros Cérebro Autista, Thinking in Pictures (Pensando em imagens) e Uma menina estranha, autobiografia que já virou filme.

Causas e Fatores de Risco

Até o presente momento não existem causas conclusivas para o autismo. Alguns estudos e pesquisas levantam indícios de que o transtorno possa estar relacionado com alterações genéticas. Com o avanço da tecnologia e genética, neuropsicólogos e neurocientistas associam o autismo com mutações genéticas, doenças metabólicas e outros transtornos do desenvolvimento.

Mesmo as causas do autismo não sendo efetivamente conhecidas, cientistas e pesquisadores afirmam existirem fatores de risco:

- **Gênero:** Crianças do sexo masculino são mais propensos a terem Autismo. Estima-se que para cada 8 meninos autistas, 1 menina também é.
- **Genética:** Cerca de 20% das crianças que possuem Autismo também possuem outras condições genéticas, como Síndrome de Down, Síndrome do X frágil, esclerose tuberosa, entre outras.
- **Pais mais velhos:** A ciência diz que, quanto mais velho alguém ter um filho, mais riscos as crianças têm de desenvolver algum tipo de problema. E com o Autismo não é diferente.
- **Parentes autistas:** Caso a família já possua histórico de Autismo, as chances de alguém também possuir são maiores.

Quais são os direitos de uma pessoa com autismo?

Em matéria publicada em novembro de 2017, o jornal a Gazeta do Povo trouxe o autista como um sujeito de direitos. O jornal aborda os direitos nas áreas da saúde, educação, mercado de trabalho, transporte, previdência e segurança jurídica dos autistas.

A Lei 12.764

A Lei que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista é a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Esta lei estabelece algumas diretrizes e define, em seu parágrafo primeiro, um indivíduo com Transtorno do Espectro Autista como sendo portador de:

I – deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II – padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

A regulamentação prevê a atenção integral às necessidades da pessoa com transtorno do espectro autista. Os objetivos são o diagnóstico precoce, atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos. Tem como diretriz o estímulo à inserção da pessoa autista no mercado, observadas as peculiaridades da deficiência.

Direitos na área de saúde

Em seu artigo terceiro, a lei assegura como direito o acesso a serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades, incluindo:

- o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;
- o atendimento multiprofissional;
- a nutrição adequada e a terapia nutricional;
- os medicamentos;
- informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

Acessibilidade

É direito do indivíduo com autismo ter acesso:

- à educação e ao ensino profissionalizante;
- à moradia, inclusive à residência protegida;
- ao mercado de trabalho;
- à previdência social e à assistência social.

De acordo com a lei, conforme a necessidade, a pessoa autista tem direito a acompanhante especializado em classes do ensino regular.

Tratamento

O autismo é um quadro para vida toda, portanto não há uma cura. Sendo assim, o reconhecimento precoce, assim como a psicoterapia, as terapias comportamentais, educacionais e familiares reduzem os sintomas e fornecem um pilar de apoio ao desenvolvimento e à aprendizagem.

Com o estímulo adequado e ajuda de uma equipe multidisciplinar uma criança com autismo pode conseguir atingir um ótimo desenvolvimento. Como equipe multidisciplinar entende-se um fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, neurologista, psicólogo e pediatra.

Suporte aos pais

Recomenda-se também que os pais de crianças com autismo procurem a orientação de um psicólogo. É importante que os pais façam acompanhamento psicológico para compreender e lidar melhor com as questões que surgirão. A participação em grupos de apoio onde possam compartilhar experiências e vivências também é de grande valia.

Listamos abaixo algumas organizações que além de promover e incentivar pesquisas sobre autismo, oferecem apoio para pais e familiares de pessoas autistas.

- **AMA** – Associação de Amigos do Autista – ama.org.br
- **Instituto Autismo é Vida** – No site do Instituto Autismo é Vida existe uma lista com diversas instituições e grupos de facebook que oferecem apoio gratuito a famílias de pessoas com autismo. A lista é colaborativa. Para

manter a listagem atualizada e a sociedade informada, o Instituto solicita que qualquer pessoa que queira contribuir com a atualização de dados ou inclusão de uma ONG, envie um e-mail para contato@autismoevida.org.br.

- **ABRA** – Associação Brasileira de Autismo – www.autismo.org.br
- **Autismo e Realidade** – autismo.institutopensi.org.br
- **Casa da Esperança** – autismobrasil.org
- FADA – Fundação de Apoio e Desenvolvimento do Autista – www.fada.org.br/program/
- **Instituto Ninar** (Goiânia-GO) – institutoninar.com.br

9- DESENHO SOBRE AUTISMO INCENTIVA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA

Produzido no Brasil, “Pablo” é um desenho sobre autismo que apresenta desafios das crianças com TEA e promove a inclusão de forma lúdica.

Desenhos infantis são fonte de informação e de referências para as crianças, que estão constantemente aprendendo a partir do contato com os conteúdos hoje disponíveis em tantos formatos diferentes – seja na televisão, no cinema ou mesmo na internet.

Por isso, existe uma crescente preocupação com a qualidade de séries e filmes infantis, e um dos principais pontos levantados atualmente é o da representatividade. Se as crianças aprendem e se espelham nos personagens que gostam, não é essencial que tenham contato com referências positivas e diversificadas?

Em 2018, foi lançado o primeiro desenho sobre autismo produzido no Brasil, que trata da temática dos Transtornos do Espectro Autista. A série “Pablo” é protagonizada por um menino autista, e mostra como ele reage a diferentes situações e enfrenta os desafios de seu dia a dia. Saiba mais sobre a série a seguir!

Conheça o desenho sobre autismo para crianças

Qual é o problema de cortar o cabelo, ir ao supermercado ou estar em uma festa de aniversário barulhenta? Para crianças e adultos neurotípicos, pode ser muito difícil compreender as dificuldades que pessoas no Espectro Autista enfrentam devido às suas diferentes formas de sentir e interagir com o mundo à sua volta.

"Pablo não pensa assim, vê o mundo de outro jeito!". Esse é o primeiro verso da música tema de "Pablo", que resume bem o objetivo da série de animação: mostrar o ponto de vista de uma criança com autismo, para gerar mais empatia e promover a inclusão.

O autismo é um transtorno do desenvolvimento neurológico que influencia principalmente as habilidades sociais e a comunicação. A palavra "espectro" da sigla TEA (Transtorno do Espectro Autista) refere-se ao fato de que os sintomas podem ser muito diferentes de pessoa para pessoa.

Neste desenho sobre autismo, o protagonista Pablo é um menino de 5 anos, que tem TEA e é muito inteligente. A cada episódio, o menino enfrenta uma situação diferente que lhe causa algum tipo de ansiedade ou desconforto. Sempre que isso acontece, ele usa seus lápis mágicos para desenhar e pintar. Assim, entra no Mundo das Artes, onde, com a ajuda de seus amigos que também têm autismo, encontra maneiras criativas de superar cada situação.

"Pablo: O Pequeno Herói com Autismo" estreou em janeiro de 2018 no canal da TV paga Nat Geo Kids, em uma iniciativa do Núcleo Autismo e Realidade, do Instituto Pensi. Hoje o desenho também está disponível no Netflix, com mais de 50 episódios de em média 10 minutos de duração.

Representatividade para crianças com autismo

Cena da abertura de “Pablo”

Mesmo com os debates sobre inclusão sendo cada vez mais comuns, ainda não encontramos personagens com autismo em desenhos infantis. Um dos pioneiros no Brasil foi o personagem André, que faz parte da Turma da Mônica desde 2002. Em 2017 a Vila Sésamo incluiu a personagem Júlia, que também contribui de forma educativa para a conscientização desde a infância.

Na série “Pablo” a ideia de inclusão vai ainda mais além: além do personagem com autismo, o desenho foi estrelado, produzido e dublado por jovens com TEA. Eles se inspiraram nas suas próprias experiências para elaborar o roteiro, escrito de forma colaborativa para resultar nas histórias divertidas, educativas e lúdicas de cada episódio.

A verdade é que a representação de pessoas com TEA em conteúdos infantis é valiosa para todos. Por um lado, incentiva o protagonismo de crianças com autismo, dando a elas referências positivas e mostrando como são importantes, podem conviver, ter amigos, e realizar muito mais. Por outro, essa representatividade ajuda as outras pessoas a terem acesso a informações sobre os Transtornos do Espectro Autista, promovendo assim maior compreensão, empatia e inclusão.

Veja abaixo algumas dicas de como ensinar uma criança com autismo a ler:

Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem enfrentar diversos desafios, especialmente quando se trata de aprender. Porém, muitas vezes a dificuldade não está na aprendizagem em si, e sim na forma como ela acontece. Durante a infância, transformar a leitura em uma atividade da rotina que também é divertida é importante para ensinar crianças com autismo a ler.

Autismo e os desafios da leitura

É comum que crianças com autismo apresentem dificuldades em aprender de formas tradicionais. Isso acontece simplesmente porque seus cérebros processam as informações de maneira diferente do que o de crianças neurotípicas.

Algumas crianças com TEA conseguem prestar atenção por um tempo limitado quando estão ouvindo alguém contar uma história ou estão aprendendo a ler sozinhas. Por outro lado, é possível que comecem a ler bem cedo, e que demonstrem grande interesse em determinados assuntos, querendo ler tudo o que puderem sobre o tema.

Também é comum que essas crianças sejam pensadoras visuais, o que significa que elas pensam por imagens ao invés de palavras. Outras crianças autistas aprendem melhor através do som, ou até com estímulos táteis.

Além disso, o autismo pode causar dificuldade em assimilar e memorizar sequências, como longas frases, números ou instruções em várias etapas. Isso pode ser um desafio para a compreensão de textos.

Independente de quais características como essas a criança apresente, é possível utilizar diferentes técnicas para ajudar no aprendizado e na leitura. Estímulos multissensoriais simples, ensinamentos gradativos e o estabelecimento de conexões com o dia-a-dia da criança ajudam a envolvê-la ativamente no processo de aprendizagem e, assim, a desenvolver habilidades de leitura.

Dicas para ensinar crianças com autismo a ler

Aqui estão seis dicas para ajudar na alfabetização e no desenvolvimento de habilidades de leitura de crianças com autismo:

1 – Conecte a leitura à rotina

Crianças com TEA normalmente precisam ter uma rotina que garanta previsibilidade ao seu dia-a-dia. Para elas, é importante saber o que vai acontecer, quais serão as atividades do dia, e principalmente se haverá algo de diferente. Essa antecipação dos acontecimentos ajuda a criança autista a se sentir segura, porque dessa forma ela compreende seus objetivos e consegue saber o que as outras pessoas esperam que ela faça em cada momento.

Ler sobre atividades habituais pode ajudar a criança a interpretar o texto e associá-lo ao seu cotidiano. Se seu filho ou filha gosta de rotina em seu dia, a leitura pode ajudar a compreender melhor cada momento e também a passar de uma tarefa para outra.

Por exemplo, ler um livro antes de dormir pode ajudar a criança a compreender que aquele momento é de descanso. Existem livros infantis com histórias que falam sobre momentos do dia-a-dia, como a hora de dormir, o momento do banho e a hora de se alimentar. Esse tipo de tema ajuda o pequeno a se conectar com a história já que a rotina é algo que ele reconhece. Assim, também auxilia a criança a compreender a importância desses rituais cotidianos e a saber como ela deve se comportar em cada um deles.

2 – Apresente temas de interesse da criança

É comum que crianças autistas demonstrem o chamado interesse restrito, ou seja, gostam tanto de um determinado assunto que se fixam nele. Gostam de ler, saber e falar sobre ele, tornando-se praticamente especialistas. O interesse restrito pode ser por um assunto (como dinossauros), uma ação (como alinhar objetos), um objeto (seu brinquedo preferido) ou até um tema mais amplo (como matemática).

É possível aproveitar o interesse restrito da criança para incentivar a leitura, procurando livros que tratem do tema pelo qual ela é fissurada. Se o pequeno gosta muito de trens, que tal ler com ele um livro que fale tudo sobre isso? Podem começar com um livro infantil mais curto, com frases curtas e imagens relacionadas, mas há grandes chances de a criança não querer parar por aí e logo pedir um novo livro para aprender ainda mais.

3 – Procure elementos que gerem identificação

Algumas crianças com TEA têm dificuldade de lidar com contextos novos e com o desconhecido. Por isso, é importante procurar histórias com as quais ela se sinta confortável e, melhor ainda, se identifique. É bom que os livros tenham personagens da sua idade, mostrem familiares, locais que ela já conheceu, ou atividades que ela pratica.

Livros personalizados têm um apelo especial para leitores com autismo. Quando a criança cria seu próprio personagem para ser o protagonista e se reconhece no livro, isso gera identificação e a aproxima das situações vividas na história. O resultado é que ela vai querer ler o livro repetidas vezes, dessa forma incentivando o hábito da leitura e potencializando seu aprendizado. No site **Dentro da História** é possível criar livros em que a criança participa de histórias junto com a Turma da Mônica e outros personagens famosos, incentivando a leitura através da identificação com o livro.

4 – Ensine um novo conceito por vez

Seja na escola ou em casa, a criança com TEA têm mais facilidade para aprender determinado conceito quando começa com passos básicos e vai aumentando a complexidade gradativamente, em uma ordem lógica.

Ao ensinar crianças com autismo a ler, comece com os fonemas, ou seja, o som produzido por cada letra. Ensine usando exemplos de palavras que a criança usa bastante, como P de “pai” por exemplo, relacionando sempre a objetos e elementos de seu dia-a-dia. **Livros sobre o alfabeto** podem ajudar nesse processo, com estímulos visuais que a criança assimila a cada letra.

Depois ela começará a formar sílabas, e para essa fase existem diversos jogos educativos que podem auxiliar o aprendizado. Só mais tarde ela terá consciência sobre a formação das palavras e frases.

Em cada explicação, é importante manter instruções diretas e objetivas, lembrando que pessoas com autismo têm dificuldade com conceitos abstratos. É bom sempre seguir uma lógica: revisar o que a criança já sabe, apresentar um único conceito novo, e então praticá-lo.

O tempo de atividades ou de leitura também deve ser ajustado aos poucos. Tente ler por alguns minutos de cada vez no início. Em seguida, aumente gradativamente o tempo de leitura quando a criança melhorar sua capacidade de atenção.

5 – Estimule diferentes sentidos

Cada pessoa aprende melhor de uma forma, e o mesmo acontece com crianças com autismo. Por isso, é importante buscar estímulos multissensoriais, porque pode ser que o pequeno aprenda mais usando a visão, ou então o som, e até mesmo o toque.

Crianças mais visuais gostam de ver aquilo que estão lendo ou aprendendo, por isso é essencial que as imagens do livro correspondam ao que está escrito nele. Dessa forma são criadas associações entre o texto e os recursos visuais, favorecendo o desenvolvimento da linguagem.

Crianças mais auditivas preferem ouvir instruções orais e depois discutir o que aprenderam para solidificar o material. Na leitura, uma boa ideia é adquirir um audiolivro para a criança ouvir enquanto acompanha o texto escrito, para assim ir decodificando as palavras.

Já as crianças “mão na massa” aprendem melhor fazendo, e absorvem melhor o conhecimento quando podem tocar e manipular objetos. Procure livros que sejam acompanhados de outros elementos, ou então seja criativo e crie você mesmo objetos para personificar a leitura! Se a história se passa em uma caverna, que tal criar uma caverna em casa com um cobertor? Construa objetos que aparecem na

história, eles vão deixar a leitura mais divertida e fazer com que aprender se torne uma verdadeira brincadeira. Veja nesse outro artigo algumas dicas para **ensinar o alfabeto de forma lúdica**!

Lembrando que o acompanhamento profissional é importante para o melhor desenvolvimento de crianças com autismo. A **fonoaudiologia infantil**, terapia ocupacional e psicologia são áreas que trabalham juntas para garantir que a criança alcance o seu maior potencial!

REFERÊNCIAS

https://escoladainteligencia.com.br/autismo-e-educacao-autistas-devem-estudar-em-escola-regular/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://educacaointegral.org.br/reportagens/autismo-escola-os-desafios-necessidade-da-inclusao/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://escoladainteligencia.com.br/entenda-como-inserir-a-educacao-socioemocional-em-casa/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://www.diversa.org.br/artigos/qual-e-o-preparo-necessario-para-incluir-um-estudante-com-deficiencia/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://www.diversa.org.br/educacao-inclusiva/o-que-e-educacao-inclusiva/#principios>acesso em 04 de outubro de 2019

https://www.diversa.org.br/artigos/o-efeito-diagnostico-sobre-olhar-da-escola/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/o-que-e-autismo-das-causas-aos-sinais-e-o-tratamento/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://saude.abril.com.br/familia/autismo-veja-como-identificar-seus-primeiros-sinais/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://saude.abril.com.br/blog/saude-e-pop/os-personagens-especiais-da-turma-da-monica/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://saude.abril.com.br/bem-estar/o-novo-retrato-do-autismo/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://www.vittude.com/blog/autismo/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://blog.dentrodahistoria.com.br/familia/desenvolvimento-infantil/desenho-sobre-autismo-incentiva-inclusao/>acesso em 04 de outubro de 2019

https://blog.dentrodahistoria.com.br/familia/desenvolvimento-infantil/ensinar-criancas-com-autismo-a-ler/>acesso em 04 de outubro de 2019